

Pode-se confiar nas belezas de Baía da Traição

BAÍA DA TRAIÇÃO, PB — Coqueiros a perder de vista e praias quase virgens onde o mar, para todos os gostos, ora chega ruidoso, ora manso e morno. No semblante das pessoas, traços fortes dos potiguara, a nação indígena cujos remanescentes dão ao local a condição de um dos mais históricos pontos geográficos do Nordeste brasileiro.

Nesta época do ano, livre do afluxo de veranistas que multiplicam por 10 sua população de 2.500 habitantes, a pequena cidade, quieta e pacífica, parece perdida no tempo. O jeito de ser de tudo e de todos logo contagia o visitante, que adota como estilo de vida a mansidão de quem vive em lugar próximo ao paraíso.

— Em terra de sapo, de cócoras com ele — resume o cacique Daniel de Santana, cadeira plantada no terreiro da pequena casa de alvenaria situada no Alto do Tambá. A poucos metros, algumas peças de artilharia do início do século XVI lembram um passado de luta e de glória. Com 68 anos de idade, o cacique Daniel chefia cerca de cinco mil remanescentes dos potiguara espalhados ao longo de 16 aldeias, todas com eletricidade e escola.

Em qualquer época do ano, os frutos do mar e a água de coco são sempre fartos. Os bares e restaurantes — nomes aqui empregados para designar, na maioria dos casos, pequenas construções com cobertura de palha — são pontos de encontro invariáveis. A lagosta, o camarão e o peixe saem do mar para o freguês sem tempo de intermediação ou da conservação em gelo. Dois ou três pequenos armazéns garantem o estoque de todo o tipo de bebida, da clássica cerveja à cachaça com frutas da época.

A criançada pode ficar à solta, sem perigo; numa praia rasa e sem ondas, em toda a extensão da área urbana. A condição de maré morta é



Pescados atraem os visitantes

garantida por um paredão de arrecifes, onde a natureza abriu uma pequena barra de que os barqueiros se aproveitam para entrada e saída, na busca diária do ganha-pão.

Baía da Traição detém a única reserva potiguara existente no Brasil. A própria cidade está em terras doadas aos índios em 1703, através de um alvará do Rei de Portugal. Essa doação foi posteriormente confirmada por Dom Pedro II, em dezembro de 1859. Os 57 mil hectares iniciais foram posteriormente reduzidos a cerca de 21 mil por decreto de 1983.

Hoje, quem compra terreno em Baía da Traição não detém o direito de propriedade, mas apenas o de uso. O concurso da Prefeitura e do Cartório de Registro de Imóveis é, para tanto, dispensável, mas não o do representante da Funai, cujo posto se situa no Alto do Tambá, num ponto em que se divisa toda a cidade, com sua enseada, seu paredão de corais e seu farol, cuja luz, ao escurecer, serve de referência à navegação no Atlântico.



Velhos lembram os combates entre colonos e invasores

O reconhecimento da região

A origem do nome "Baía da Traição" é incerta. A versão mais corrente relata que o navegador Américo Vespúcio, ao mapear a região, errou em um grau de latitude a localização da baía, "deslocando-a" para o Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte. A "traição", deste modo, ocorreu quando três marinheiros portugueses, em 1501, acreditando terem chegado à baía paraibana após seguir o mapa de Vespúcio, foram mortos por uma outra tribo.

No seu "Tratado Descritivo do Brasil, em 1587", Gabriel Soares atribuiu o topônimo ao assassinato, pelos potiguara, de naufragos castelhanos e portugueses, entre 1503 e 1505. Seja como for, cartas náuticas datadas de

1516 já destacam o nome Baía da Traição.

Vivendo da agricultura e da pesca, Baía da Traição teve seu povoamento iniciado por colonos portugueses e nativos, em 1599, depois da pacificação dos potiguara. Aversos à colonização, os índios haviam se aliado aos invasores franceses e holandeses.

Hoje, inscrições à entrada da cidade lembram o termo *acajutibiró*, nome que os índios davam à região e que alguns tupinólogos traduzem como "sítio com abundância de cajus". Nas mesmas inscrições, há referências a Pedro Poti, índio que escapou de um massacre português, embarcando numa esquadra holandesa, em 1625, para retornar, cinco anos depois escolarizado e culto.